

# E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Vestir a camisa de São Paulo é construir empreendimentos com a alma da cidade.

Acesse [tegraincorporadora.com.br](http://tegraincorporadora.com.br) e saiba mais.

## TEGRA

INCORPORADORA

**Comércio.** Nos primeiros quatro meses do ano, vendas para os chineses atingiram o valor recorde de US\$ 27,63 bi; números mostram um aumento da dependência brasileira do país asiático, e novas críticas do governo ao parceiro comercial trazem mais preocupação

# Puxadas pelo minério, exportações para a China crescem 36% até abril

Filipe Serrano

O aumento dos preços internacionais da soja e, principalmente, do minério de ferro, combinado com uma retomada da economia mundial, fez as exportações brasileiras para a China dispararem ainda mais e atingirem o maior nível da história para os meses de janeiro a abril. Nos primeiros quatro meses do ano, o País já exportou o equivalente a US\$ 27,63 bilhões para os chineses, o maior valor na série histórica para o mesmo período. O número representa um aumento de 36% em relação ao mesmo período do ano passado.

Com o crescimento, o Brasil aprofunda mais sua dependência do mercado chinês. O país asiático é hoje o destino de 34% dos produtos brasileiros, nível mais alto da história e mais que o triplo das vendas para os EUA (10%), o segundo maior importador. No ano de 2001, que marcou a entrada da China na Organização Mundial do Comércio, 24% das exportações brasileiras tinham como destino os EUA e apenas 2%, a China.

Ao mesmo tempo, o governo Jair Bolsonaro continua a criticar os chineses, o que traz preocupações ao mercado. No episódio mais recente, no início deste mês, o presidente insinuou que o país asiático poderia ter criado o coronavírus propositalmente, como parte de uma "guerra química". "As críticas do presidente só não prejudicam mais o comércio porque a China não tem um fornecedor alternativo ao Brasil", diz José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

**Alta de preços.** O crescimento do primeiro quadrimestre foi puxado principalmente pelas exportações de minério de ferro, cujo preço da tonelada nos mercados internacionais passou de US\$ 80 para mais de US\$ 200 em um ano. Com isso, as vendas do produto para a China tiveram uma alta de 96%, somando mais de US\$ 7,6 bilhões de janeiro a abril.

As exportações de soja e petróleo para a China também subiram, mas em um nível menor (22% e 27%). Juntos, os três produtos correspondem a 81% de tudo que o País exporta para a China. "O Brasil tem produtos competitivos e uma taxa de câmbio favorável. Os exportadores ganham mercado onde é possível. Assim, a China vai continuar sendo o principal destino", diz Mário Cordeiro, economista-chefe da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

A maior demanda por commodities com preços elevados já faz especialistas preverem um ano excepcional para o setor externo. Em relatório obtido pelo **Estadão**, a AEB estima um superávit comercial recorde de US\$ 79,8 bilhões de dólares para 2021, superando o nível em 2017 (US\$ 67 bilhões). "Temos uma situação favorável. Tudo vai crescer em relação ao ano passado, que foi mais fraco", diz Castro. "O problema é que temos de rezar todo dia para que a demanda na China continue bem."

O crescimento da China como compradora de produtos

brasileiros também tem elevado a participação das commodities nas exportações brasileiras, e a uma redução dos produtos manufaturados.

De acordo com a AEB, todos os dez principais produtos exportados pelo Brasil são commodities agrícolas e minerais, e a China é a maior compradora de seis desses produtos (soja, minério de ferro, petróleo bruto, carne bovina, carne de aves e celulose). Castro lembra que 75% das exportações brasileiras são commodities, enquanto 85% das importações são de produtos da indústria de transformação.

Para Welber Barral, ex-secre-

tário de Comércio Exterior (2007-2011) e sócio-fundador da BMJ Consultores Associados, o aquecimento das exportações no Brasil tem relação com os preços em alta, e não necessariamente com um maior volume. "Havia uma demanda reprimida e a economia chinesa teve uma rápida recuperação. Além disso, problemas com a oferta do minério de ferro fizeram os preços subirem", diz Barral.

**China entra na 'onda ambiental' no agronegócio**  
Pág. B4

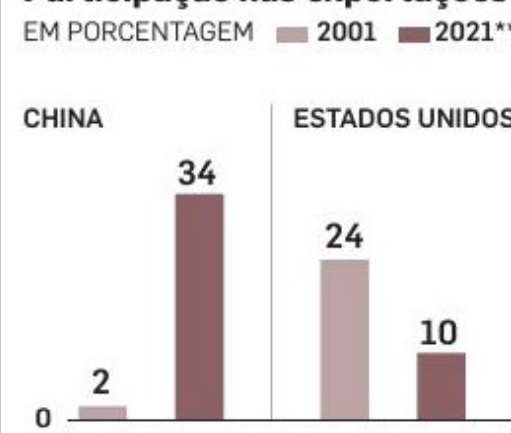
## NO TOPO

● O aumento nos preços do minério de ferro fez disparar as vendas para a China

### Exportações para a China acumuladas entre janeiro e abril



### Participação nas exportações



\* VALORES NOMINAIS, NÃO AJUSTADOS À INFLAÇÃO      \*\* DE JANEIRO A ABRIL

FONTE: SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR / MINISTÉRIO DA ECONOMIA

INFOGRÁFICO/ESTADÃO



## OBRAS EM ANDAMENTO

# A Tishman Speyer traz um novo ícone para o Jardins



APARTAMENTO DECORADO DE 178M²

**178m²**  
3 SUÍTES

**R. Oscar Freire x R. Dr. Melo Alves x R. Chabad x Av. Rebouças.**

Em um dos quarteirões mais nobres do Jardins, próximo ao CJ Shops e a tudo de melhor que o bairro tem a oferecer.

Obras assinadas por artistas brasileiros como **Vick Muniz, Athos Bulcão e Raul Morão**, entre outros. Tecnologia e foco em bem-estar, com bike sharing, espaço wellness e muito mais.



ACESSO EXCLUSIVO POR UMA ALAMEDA ARBORIZADA.

PISCINA AQUECIDA COM RAIA DE 25M E BORDA INFINITA NO ROOFTOP.

LOUÇAS E METAIS KOHLER.

FITNESS NO ROOFTOP E QUADRA DE SQUASH.

E MAIS 34 ITENS EXCLUSIVOS DE ALTO PADRÃO DE ACABAMENTO.

Conheça também os apartamentos de **91m², 266m² e duplex com 196m².**



**SHOWROOM**  
RUA CHABAD, 126 - JARDINS | SÃO PAULO  
**AGENDE UMA VISITA PARA CONHECER O DECORADO DE 97M²**  
ATENDIMENTO PELO + 55 11 3230 0570  
OU PELO SITE [ALAMEDAJARDINS.COM.BR](http://ALAMEDAJARDINS.COM.BR)



Memorial de incorporação do empreendimento registrado em 24/08/2018, sob o R.2, na matrícula nº 101.314, do 13º Cart. de Registro de Imóveis de São Paulo. Todas as imagens e perspectivas contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações, inclusive quanto à forma, cor, textura e tamanho. As vistas são referências e fotomontagens. Foto do decorado apenas ilustrativa, não temos apartamento decorado para visitação. As unidades e áreas comuns serão entregues conforme as especificações constantes do memorial de incorporação, que prevalecerá em caso de conflito com qualquer outro material ou informação relativa ao empreendimento. Endereço do empreendimento: Av. Rebouças, 1145 - Jardins - São Paulo. Os móveis, equipamentos e utensílios utilizados nas perspectivas ilustradas são mera sugestão de decoração e não fazem parte do contrato de compra e venda. Essas áreas serão entregues conforme memorial descritivo de acabamentos e plantas anexas ao contrato. O apartamento poderá sofrer pequenos ajustes decorrentes do desenvolvimento dos projetos executivos de arquitetura, estrutura e instalações. Medidas dos ambientes são de face a face das paredes ao revestimento.





# 'Onda verde' da China impacta o Brasil

Ministra Tereza Cristina diz que estímulo à produção sustentável do Plano Safra está em sintonia com exigência da potência asiática

Tânia Rabello

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, disse que a China, principal parceiro comercial do Brasil, entrou na agenda ambiental positiva "há pouco tempo e para valer" e isso terá reflexos no agronegócio brasileiro. "O assunto (meio ambiente) não era um tema do nosso cotidiano", afirmou Tereza Cristina, em entrevista exclusiva ao *Estadão/Broadcast*. "Mas fiquei muito bem impressionada com o discurso do novo ministro da Agricultura da China", comentou.

Na quinta-feira, a ministra participou do "Diálogo Brasil-China sobre Agricultura Sustentável", promovido pelo Conselho Empresarial Brasil-China. Na ocasião, o ministro da Agricultura e Assuntos Rurais da China, Tang Renjian, afirmou que o governo chinês acredita haver enorme potencial para explorar a agricultura sustentável. "Queremos injetar um novo ímpeto no Brasil para alcançar a agricultura mais sustentável. O Brasil é o primeiro país a criar parceria estratégica com a China para desenvolvimento sustentável e maior parceiro no comércio de produtos agrícolas", disse o ministro.

Segundo Tereza Cristina, ficou claro que o ministro chinês quer conhecer mais o que está sendo feito no agronegócio brasileiro em termos de sustentabilidade e "como funciona a agricultura sustentável praticada aqui". Ela acrescentou ser "muito positivo" o interesse do gigante asiático e que, "de repente, se começa uma mudança aqui (em direção a uma maior sustentabilidade) por outro continente". "Eles (os chineses) têm muito a mitigar, e nós temos muito a oferecer."

Ela lembrou que a China tem a responsabilidade de tirar da pobreza parte da sua população e, além disso, já há uma grande população, principalmente no continente asiático, "comprando mais e melhorando a alimentação, e o Brasil está pronto (para atender) isso". "Temos no Bra-



Bilateral. Tereza Cristina durante painel de seminário que reuniu representantes de governo de Brasil e China

● **Sintonia**  
"Temos de mostrar (para os chineses) que vamos trabalhar cada vez mais juntos. Aliás, esse compromisso (com os chineses por um agronegócio mais sustentável) é muito alinhado com o que o Ministério da Agricultura já faz."  
**Tereza Cristina**  
MINISTRA DA AGRICULTURA

sil mais de 90 milhões de hectares de pastos degradados, e boa parte disso pode ser incorporada à agricultura sem mexer com nada", disse, referindo-se ao fato de não ser necessário desmatar para expandir a agricultura no País. "São áreas antropizadas há muitos anos, sem investimento em terras que têm aptidão agrícola e pecuária e, além disso, quanto à aptidão pecuária, também há muito o que pode ser melhorado", afirmou.

Independentemente de a China exigir mais sustentabilidade na produção agropecuária brasi-

leira, ressaltou, "isso é uma coisa que todo mundo exige". "Mas temos que mostrar (para os chineses) que vamos trabalhar cada vez mais juntos. Aliás, esse compromisso (com os chineses por um agronegócio sustentável) é muito alinhado com o que o Ministério da Agricultura já faz; estou muito empolgada, por exemplo, com o CAR dinamizado."

Ela se referiu à ferramenta recém-lançada pela pasta para agilizar as análises e validações de mais de 6 milhões de Cadastros Ambientais Rurais (CAR) e, como passo seguinte, garantir que os produtores rurais com pendências ambientais possam aderir aos Programas de Regularização Ambiental (PRA).

**Plano Safra.** Em relação ao Plano Safra 2021/22, em discussão no governo federal para a safra, que se inicia oficialmente em 1.º de julho, Tereza Cristina disse que quer um "Plano Safra mais verde para todos", ou seja, com forte viés agroambiental. "Estamos com algumas propostas que não posso dizer agora porque estamos aguardando para bater o martelo, mas vão no sen-

tido de programas de manejo mais sustentáveis."

Para a pecuária, ela lembrou que o Plano de Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC), que tem linhas de crédito subsidiadas contempladas no Plano Safra, já atende o segmento em busca da sustentabilidade. Por isso a discussão atual é a busca de "modelos de pecuária mais sustentáveis". "Temos conversado muito com produtores e com a Embrapa, para que os modelos pecuários sustentáveis possam ser mais massificados."

Em relação à reivindicação por mais recursos, principalmente para equalização de juros no próximo Plano Safra – que depende de aprovação do Ministério da Economia –, Tereza Cristina se disse otimista. "Finalmente, somos um segmento que tem puxado a economia do Brasil", afirmou. "Mas temos problemas fiscais, e a gente entende isso", continuou e acrescentou que a Lei do Agro tornou possível o financiamento com recursos não oficiais e "trouxeram muitas oportunidades de investimentos para produtores competitivos".

● **Parceria**  
O embaixador da China no Brasil, Yang Wanning, disse que o país está disposto a "abrir caminho" para cooperação agrícola com o Brasil

\* **ANÁLISE:** Vinicius Rodrigues Vieira

## Diplomacia amadora amplia dependência do mercado chinês

A atual conjuntura indica que a dependência do Brasil em relação à China só é superável a longo prazo. Isso porque, além de Pequim responder por pouco mais de um terço de nossas exportações, o mundo pós-pandemia deve ser caracterizado pela bipolaridade entre o gigante asiático e os EUA.

Assim, qualquer potencial inquilino futuro do Palácio do Planalto terá de fazer aquilo que o presidente Jair Bolsonaro tem se recusado a fazer de modo sistemático e um tanto quanto infantil: manter boas relações bilaterais com nosso principal cliente no comércio internacional enquanto busca alternativas para reduzir tal dependência.

Essa busca deve ser feita o quanto antes. Muito embora o governo e parte do agronegócio pensem que a China tem alternativas limitadas para comprar soja, o país se movimenta para fomentar a produção em regiões da África.

Bolsonaro deve começar a sentir o peso de tamanha inconsequência à medida que nos aproximamos das eleições. Não se deve descartar o apoio de produtores rurais a um nome de centro-direita na tentativa de restaurar os laços com a China depois de 2022.

A literal salvação da lavoura – e, portanto, do País – consiste em diversificar os mercados e a pauta de exportação, algo que exigirá um trabalho de anos e anos. Um começo consiste em fazer de tudo para efetivar o acordo Mercosul-União Europeia, paralisado devido à inépcia diplomática do bolsonarismo.

O Brasil tem peso geopolítico suficiente para extrair o máximo da bipolaridade que se avizinha. Falta competência – não apenas na Praça dos Três Poderes, mas também no Itamaraty e no Ministério da Economia. O jogo global para o qual caminhamos é complexo demais para nos darmos ao luxo de manter o destino nas mãos de amadores.

\* PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA FAAP E DA FGV

## ENTREVISTA

Ana Paula Vescovi, economista-chefe do Santander Brasil

# 'Exportações darão tempo para discutirmos o processo eleitoral'

Para executiva, reformas só devem ser esperadas para o próximo governo e inflação deve ser a preocupação imediata

Thaís Barcellos

O "boom" de commodities deve dar tempo ao Brasil para passar por uma "tumultuada" eleição presidencial em 2022 e voltar ao caminho das reformas no início do próximo governo, avalia a economista-chefe do Santander Brasil e ex-secretária do Tesouro Nacional, Ana Paula Vescovi. "O setor externo é o grande fator que nos dá tempo para endereçar aquilo que pode tirar o Brasil de uma deterioração macroeconômica mais séria", disse, em entrevista ao *Estadão/Broadcast* para contar sobre a mais recente revisão de cenário.

Vescovi e a equipe macroeconômica do Santander apostam em uma disputa polarizada, sem opção no centro ainda, e que tende a trazer bastante volatilidade para os ativos, o que justifica a nova previsão de depreciação cambial prevista para o ano que vem, com o dólar em R\$ 5,55. Na revisão de cenário, Vesco-

vi define que o "grande mote" é a maior preocupação com a inflação, com uma "tempestade perfeita" temporária, que deve levar o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) a romper o teto da meta neste ano (projeção de 5,90%) e ficar bem acima do centro (estimativa de 3,90%) no ano que vem. Leia abaixo os principais trechos da entrevista:

● **Qual foi o motivo para a revisão do PIB? E ainda há alguma cautela com o desempenho da atividade deste ano?**

Em primeiro lugar, nosso cenário é mais positivo para a atividade, com a revisão para 3,60%. Os riscos são para um cenário mais positivo do que isso. Por que essa moderação em alterá-lo? Está claro que a relação de mobilidade com atividade mudou em relação ao ano passado, na primeira fase da pandemia, provavelmente porque o setor produtivo e os con-

● **Perspectiva**  
"Vamos precisar esperar o desanuviamiento do cenário político de polarização para poder ter clareza de qual é a pauta que vai ser vencedora"  
**Ana Paula Vescovi**  
ECONOMISTA-CHEFE DO SANTANDER

sumidores se adaptaram a essa realidade de distanciamento. O que estamos observando é se realmente vamos ter uma saída mais tranquila da segunda onda. A inflação, que eu acho que é o grande mote dessa revisão, se acelerando tira a capacidade de crescimento. Na nossa visão, há uma perspectiva de crescimento contido. Resumindo tudo, é um cenário cauteloso, sim.

● **É o que vocês descrevem no relatório como "risco de reabrir muito cedo", com o relaxamento de medidas mais rápido do que imunizações?**

É exatamente isso. Aumentamos o nosso cenário base de vacinação média diária, com 1 milhão de doses por dia, porque, às vacinas já contratadas, se somou o imunizante da Pfizer, com a entrada de cerca de 15 milhões de doses por mês nos próximos meses, em uma quantidade de 100 milhões de doses. Isso implica que seria razoável a estimativa de vacinação mais rápida. A nossa expectativa seria mais alta. Mas o que estamos vendo é que há fricções no processo de entradas do IFA (*Insumo Farmacêutico Ativo*), na produção de vacinas, na distribuição e fricções até mesmo na gestão entre pri-



Projeções. Economista do Santander vê IPCA fora da meta

meira e segunda dose.

● **Como vocês disseram no relatório, o governo continua "caminhando em gelo fino" para evitar deterioração maior?**

O cenário externo mudou muito pouco, mas mantivemos os aspectos que afetam a taxa de câmbio. O cenário externo é o grande fator que nos leva a ter tempo neste momento para endereçar o que pode tirar o Brasil de uma deterioração macroeconômica mais séria. Temos tempo porque temos maiores exportações. Tudo bem que não traz tantos aspectos positivos para a atividade como traria se tivéssemos condições de colher uma aprecia-

ção cambial usual, que tem sido contida pelos riscos idiossincráticos brasileiros. Mas, ainda assim, o setor externo compra tempo para que a gente possa discutir o processo eleitoral brasileiro e as pautas importantes da sociedade, e para que a gente possa chegar em 2023 voltando ao cenário de reformas. Porque só o cenário de reformas pode nos tirar de uma deterioração mais séria do cenário macroeconômico.

● **Então novas reformas só no próximo governo?**

Pode acontecer algo, mas não está no nosso cenário base. E mais importante do que acontecer uma ou outra reforma é o con-

teúdo, o impacto que vai ter na atividade. É uma questão mais importante do que dizer que foi aprovada uma reforma. Acreditamos que vamos precisar esperar o desanuviamiento do cenário político de polarização para poder ter clareza do que vem de reformas, de qual é a pauta que vai ser vencedora do pleito eleitoral.

● **A revisão para inflação foi bastante significativa para 2021 e 2022, mas vocês ainda qualificam a dinâmica inflacionária como temporária. Não há risco de desancoragem com três anos de inflação acima da meta?**

Sempre que há uma convergência dessa natureza, com a inflação ultrapassando o limite da meta, há riscos, obviamente. O que deixamos claro no relatório é que acreditamos que a política monetária vai ter uma resposta à altura. A gente já começou o segundo trimestre mirando 2022 na política monetária e o fato é que os choques vieram, do lado da oferta e demanda, e começam a gerar efeitos secundários, a se disseminar.

● **O BC deve mudar logo a sua comunicação, que ainda sinaliza intenção de promover normalização parcial da política monetária?**  
O BC já deu um sinal de que não necessariamente precisa haver a normalização parcial. Isso vai depender da inflação ou atividade nos próximos meses, mas achamos que isso tende a acontecer por força desse cenário inflacionário, e que o Banco Central deve alcançar Selic de 7,0% em 2022.